

seca
neal shusterman e jarrod shusterman

Tradução de Pedro Carvalho e Guerra



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Este livro é dedicado
a todos os que lutam contra
os efeitos desastrosos
das alterações climáticas*

AGRADECIMENTOS

Seca foi um projeto maravilhoso no qual colaborámos, e estamos gratos a imensas pessoas.

Um agradecimento do fundo do coração aos nossos editores, David Gale e Justin Chanda, e à assistente editorial Amanda Ramirez, por confiarem em nós para, em conjunto, escrevermos este livro, e por nos guiarem ao longo de todo o percurso! Toda a equipa da Simon & Schuster nos apoiou de forma incrível.

Um agradecimento especial a Carolyn Reidy, Jon Anderson, Anne Zafian, Michelle Leo, Anthony Parisi, Sarah Woodruff, Lauren Hoffman, Lisa Moraleda, Chrissy Noh, Keri Horan, Katrina Groover, Deane Norton, Stephanie Voros e Chloë Foglia.

E, claro, também a Jay Shaw, pela capa fantástica!

Agradecemos à nossa agente literária, Andrea Brown, bem como a Taryn Fagerness, a nossa agente para os *foreign rights*; aos nossos agentes da indústria do entretenimento, Steve Fisher, Debbie Deuble-Hill e Ryan Saul, da APA, e ao nosso gestor, Trevor Engelson, por todo o trabalho que tiveram a transformar *Seca* num filme; e aos nossos advogados, Shep Rosenman, Jennifer Justman e Caitlin DiMotta, por terem conseguido avançar por entre todos os obstáculos legais que surgiram no caminho.

Agradecemos à equipa do filme — Marty Bowen, Isaac Klausner e Pete Harris, da Temple Hill, e também a Wyck Godfrey e Jon Gonda, da Paramount.

Gostaríamos ainda de agradecer ao nosso amigo e colega Elias Gertler, por acreditar nesta história desde o primeiro momento; a Barb Sobel, pelas suas capacidades sobre-humanas de organização; e a Matt Lurie, o nosso guru das redes sociais.

Graças a todos vós, a nossa taça transborda verdadeiramente!

PARTE UM

O FECHAR DA TORNEIRA

DIA UM
SÁBADO, 4 DE JUNHO

1) Alyssa

A torneira da cozinha faz os barulhos mais estranhos. Tosse e arfa como se tivesse ficado asmática. Balbucia como se alguém se estivesse a afogar. Cospe uma vez e depois fica em silêncio. O nosso cão, *Kingston*, ergue as orelhas, mas mantém a distância do lava-louça, pois não tem a certeza de que este, inesperadamente, não ganhe vida — mas não temos essa sorte.

A minha mãe fica, simplesmente, ali, a segurar a tigela da água do *Kingston* por baixo da torneira, confusa. Depois fecha a torneira e diz:

— Alyssa, vai chamar o teu pai.

Desde que começou a remodelar sozinho a nossa cozinha, o meu pai tem a ilusão de ser um grande canalizador. E electricista também.

O meu pai sempre disse «Porquê pagar fortunas a empreiteiros quando podemos ser nós a fazê-lo?» Depois agiu de acordo com o que dizia. Desde então, não tivemos outra coisa senão problemas com a canalização e a instalação elétrica.

O meu pai está na nossa garagem a trabalhar no seu automóvel com o tio Manjericão — que tem vivido connosco intervaladamente desde o fracasso da sua quinta de amêndoas em Modesto. O verdadeiro nome do tio Manjericão é Herb, mas, algures pelo caminho, eu e o meu irmão começámos a chamá-lo pelo nome de várias ervas do nosso jardim. Tio Endro, tio Tomilho, tio Cebolinho e, durante um período de que os nossos pais desejam que nos esqueçamos, tio Canábis. No final, Manjericão foi o nome que ficou.

— Pai! — grito para a nossa garagem. — Problemas na cozinha.

Os pés do meu pai espreitam por debaixo do seu *Camry* como os de uma bruxa malvada. O tio Manjericão está escondido por detrás de uma nuvem tempestuosa provocada por um cigarro eletrónico.

— Não pode esperar? — pergunta o meu pai de debaixo do veículo.

Mas eu já pressinto que não pode.

— Acho que é importante — digo-lhe.

Ele sai de debaixo do carro e, com um suspiro pesado, dirige-se para a cozinha.

A minha mãe já não está lá. Em vez disso, ergue-se na passagem entre a cozinha e a sala. Está, simplesmente, ali, ainda com a tigela vazia da água do cão na mão esquerda. Sinto um arrepio, mas ainda não sei porquê.

— O que é assim tão importante para me arrastares para fora...

— Chiu! — diz a minha mãe. Ela raramente manda calar o meu pai. Manda-me calar a mim e ao Garrett o dia todo, mas os meus pais nunca se mandam calar um ao outro. É uma regra implícita.

Está a ver televisão, o pivô está a tagarelar acerca da «crise da água». Foi o que os meios de comunicação social começaram a chamar à seca desde que as pessoas se cansaram de ouvir a palavra «seca». Como quando o «aquecimento global» se transformou em «alterações climáticas» e «guerra» em «conflito». Mas agora tinham um novo chavão. Uma nova etapa nos nossos problemas com a água. Estavam a chamar a isto o «Fechar da Torneira».

O tio Manjericão emerge da sua nuvem de vapor tempo suficiente para perguntar:

— O que se passa?

— O Arizona e o Nevada recuaram no acordo de apoio ao reservatório — responde a minha mãe. — Fecharam as comportas de todas as barragens, dizendo que precisam da água para eles.

O que significa que o rio Colorado nem sequer chegará à Califórnia.

O tio Manjericão tenta compreender.

— Fechar o rio todo como se fosse uma torneira! Podem fazer isso?

O meu pai ergue o sobrolho.

— Acabaram de o fazer.

De repente, a imagem muda para uma conferência de imprensa em direto, onde o governador se dirige a um aglomerado de repórteres ansiosos.

— É de lamentar, mas não é de todo inesperado — diz o governador.

— Temos pessoas a trabalhar sem parar numa tentativa de alcançar um novo acordo com várias agências.

— O que quer isso dizer? — pergunta o tio Manjeriçã. Tanto a minha mãe como o meu pai o mandam calar.

— Como medida de precaução, a água de todos os condados e distritos municipais do Sul da Califórnia será temporariamente desviada para os serviços essenciais. Mas não posso deixar de salientar a necessidade de manterem a calma. Gostaria de garantir a todos, pessoalmente, que esta é uma situação temporária e que não há razões para preocupação.

Os meios de comunicação social começam a bombardeá-lo com perguntas, mas ele esquivava-se e sai sem responder a qualquer uma delas.

— Parece que a tigela da água do *Kingston* não foi a única a secar — diz o tio Manjeriçã. — Pelos vistos, também temos de começar a beber da sanita.

O meu irmão mais novo, Garrett, que está sentado no sofá à espera que a televisão regresse à emissão habitual, faz a careta esperada, levando o tio Manjeriçã a rir.

— Portanto — diz o meu pai para a minha mãe, sem entusiasmo —, pelo menos desta vez o problema da canalização não é culpa minha.

Vou à cozinha, para experimentar pessoalmente a torneira — como se tivesse um toque mágico. Nada. Nem sequer uma gota. A nossa torneira morreu e não há reanimação que a traga de volta à vida. Tomo nota da hora, como fazem nas urgências: 13h32min, dia 4 de junho.

Toda a gente se vai lembrar de onde estava quando as torneiras secaram, penso. Como quando um presidente é assassinado.

Na cozinha, atrás de mim, Garrett abre o frigorífico e pega numa garrafa de Glacier Freeze, da *Gatorade*. Começa a bebê-la, mas eu paro-o ao terceiro golo.

— Põe isso onde estava — digo-lhe. — Deixa um bocado para mais tarde.

— Mas eu tenho sede *agora* — choraminga, protestando. Tem 10 anos, menos seis do que eu. Os miúdos de 10 anos sentem dificuldades com as recompensas adiadas.

De qualquer maneira, está quase a acabar, portanto deixo-o ficar com ela. Tomo nota do que há no frigorífico. Algumas cervejas. Mais três garrafas de 250 mililitros de *Gatorade*, uma garrafa de 3,5 litros de leite quase vazia e restos.

Sabem como, por vezes, não nos apercebemos da sede que temos até darmos aquele primeiro golo? Bem, de repente, fiquei com essa sensação só de olhar para o frigorífico.

Foi o mais perto que alguma vez estive de ter uma premonição.

Agora, consigo ouvir os vizinhos na rua. Conhecemos os nossos vizinhos — encontramos-os ocasionalmente. A única vez que saem quase todos à rua ao mesmo tempo é no 4 de julho, ou quando há um sismo.

Os meus pais, Garrett e eu saímos também lá para fora, e ficamos todos a olhar, estranhamente, uns para os outros, em busca de uma espécie de orientação ou, pelo menos, de uma validação de que isto está realmente a acontecer. Jeannette e Stu Leeson, do outro lado da rua, os Maleckis e o seu recém-nascido e Mr. Burnside, que tem, desde que me lembro, 70 anos. E, tal como esperado, não vemos a família solitária da porta ao lado, os McCrackens, que, provavelmente, se barricaram no interior da sua fortaleza suburbana depois de ouvirem as notícias.

Estamos todos ali, de mãos nos bolsos, evitando olhar diretamente nos olhos uns dos outros, como colegas de turma no baile de finalistas.

— Muito bem — diz, por fim, o meu pai —, qual de vocês chateou o Arizona e o Nevada?

Toda a gente ri. Não por ser especialmente engraçado, mas por aliviar alguma da tensão.

Mr. Burnside ergue o sobrolho.

— Detesto dizer «eu já tinha avisado», mas não tinha dito já que eles iam ficar com o que resta do rio Colorado? — Mr. Burnside abana a cabeça. — Deixámos que aquele rio se tornasse na nossa única tábua de salvação. Nunca deveríamos ter permitido que nos deixassem tão vulneráveis.

Antigamente quase ninguém sabia nem se preocupava com a origem da nossa água. Estava sempre ali. Mas quando o Central Valley começou a secar e o preço dos produtos agrícolas subiu em flecha, as pessoas começaram a prestar atenção. Ou, pelo menos, atenção suficiente para se promulgarem leis e propostas dos eleitores. A sua maioria era inútil, mas permitia que as pessoas sentissem que alguma coisa estava a ser feita. Como a Frivolous Use Initiative, que tornara ilegal coisas como atirar balões de água.

— Las Vegas ainda tem água — diz alguém.

O nosso vizinho, Stu, abana a cabeça.

— Sim, mas acabo de tentar reservar um quarto de hotel em Vegas. Um milhão de quartos de hotel e nem um sequer está disponível.

Mr. Burnside ri pesarosamente, como se retirasse algum prazer do azar de Stu.

— Cento e vinte e quatro mil quartos de hotel, na realidade. Parece que muita gente teve a mesma ideia.

— Ah! Conseguem imaginar as filas na A-Quinze para se chegar lá? — diz a minha mãe, num tom algo amargo. — Eu não queria ser apanhada ali!

E, depois, dou o meu contributo:

— Se estão a desviar o que resta da água para os «serviços essenciais», significa que ainda há alguma. Alguém os deveria processar para os obrigar a libertar uma fração dessa mesma água. Como fazem com os cortes de energia faseados. Cada bairro tinha um pouco de água todos os dias.

Os meus pais ficam impressionados com a minha sugestão. Os outros olham para mim com uma expressão que parece dizer «Não é adorável?», e que me irrita. Os meus pais estão convencidos de que um dia serei advogada. É possível, mas desconfio que, se for, será apenas um meio para atingir um fim — embora não tenha a certeza de que fim será esse.

Mas isso não nos ajuda agora — e, embora eu ache que a minha ideia é boa, desconfio que há demasiados interesses próprios entre os Poderes Superiores para que isso alguma vez aconteça. E, quem sabe, talvez não haja água suficiente para partilhar.

Toca um telemóvel, indicando que alguém recebeu uma mensagem. Jeannette olha para o seu Android.

— Ótimo! Agora a minha família no Ohio descobriu. Como se eu precisasse do stresse deles para além do meu.

— Responde-lhe: «Mandem água» — brinca o meu pai.

— Vamos ultrapassar isto — diz a minha mãe num tom reconfortante. É psicóloga clínica, logo, tranquilizar os outros faz parte da sua natureza.

Garrett, que estava parado e calado, leva a garrafa de *Gatorade* à boca... e, por breves instantes, toda a gente para de falar. Involuntariamente. Quase como um soluço mental, quando veem o meu irmão a beber o líquido azul refrescante. Por fim, Mr. Burnside quebra o silêncio.

— Vamos falando — diz, ao mesmo tempo que se vira para ir embora. Termina sempre as suas conversas desta forma. Assinala assim o fim desta pequena e vaga irmandade. Toda a gente se despede e regressa a casa... mas mais do que um par de olhos fita, de relance, a garrafa vazia de *Gatorade* de Garrett enquanto se afastam.

— Corrida à Costco! — diz o tio Manjerição no final daquela tarde, por volta das cinco. — Quem vem comigo?

— Posso comer um cachorro quente? — pergunta Garrett, sabendo que, mesmo que o tio Manjerição diga que não, irá comê-lo. O tio Manjerição é um trouxa.

— Os cachorros quentes são a mais pequena das nossas preocupações — digo-lhe. E ele não põe isso em causa. Sabe por que razão vamos à loja — não é estúpido. Ainda assim, sabe que irá comer um cachorro quente.

Subimos para a cabina da *pickup* com tração às quatro rodas do tio Manjerição, que está mais subida do que deveria ser permitido a um homem da idade dele.

— A minha mãe disse que temos algumas garrafas de água na garagem — diz Garrett.

— Vamos necessitar de mais do que «algumas» — realço. Tento fazer rapidamente as contas na minha cabeça. Também vi essas garrafas. Nove de meio litro. Nós somos cinco. Não chega sequer para um dia.

Quando viramos a esquina do nosso bairro e saímos para a rua principal, o tio Manjerição diz:

— É possível que demore um dia ou dois até que seja reposto o fornecimento de água. Provavelmente, vamos necessitar de alguns *packs*.

— E de *Gatorade*! — diz Garrett. — Não te esqueças da *Gatorade*! Está cheia de eletrólitos. — É o que dizem nos anúncios, embora Garrett não saiba o que é um eletrólito.

— Vejam as coisas pelo lado positivo — diz o tio Manjerição. — Provavelmente não terão aulas durante uns dias. — A versão californiana de um dia de neve.

Tenho andado a contar os dias que faltam até ao final do primeiro ano do secundário. Já só faltam duas semanas. Mas, conhecendo a minha escola secundária, provavelmente encontrarão uma maneira de acrescentarem os dias perdidos no final, retardando as nossas férias de verão.

Quando viramos para o parque de estacionamento da Costco, conseguimos ver a multidão. Parece que o nosso bairro inteiro teve a mesma ideia. Não podemos fazer mais do que andar às voltas, à procura de um lugar para estacionar. Por fim, o tio Manjerição puxa do seu cartão da Costco e entrega-mo.

— Vocês os dois vão lá dentro. Vou ter convosco quando encontrar um lugar para estacionar.

Pergunto-me como poderá ele entrar sem o seu cartão, mas o tio Manjerição sabe como contornar qualquer situação. Eu e Garrett saltamos do veículo e juntamo-nos à enchente de pessoas que inunda a entrada. No interior, parece a Black Friday no seu pior — mas hoje as pessoas não estão à procura de televisores e jogos de vídeo. Os carrinhos que se alinham junto

às caixas estão cheios de alimentos enlatados, artigos de higiene pessoal, mas, acima de tudo, água. Os bens essenciais à vida.

Há algo que parece ligeiramente errado. Não tenho a certeza do que seja, mas paira no ar como uma fragrância. Está na impaciência das pessoas nas caixas. No modo como utilizam os seus cartões — prestes a transformarem-se em aríetes para abrir caminho por entre a multidão. Há uma espécie de hostilidade primitiva à nossa volta, escondida por uma camada de educação suburbana. Mas mesmo essa educação está a chegar ao fim.

— Este carrinho não presta — diz Garrett. Tem razão. Uma das rodas está dobrada e, para o empurrarmos, temos de nos inclinar sobre as outras três. Olho para trás, para a entrada. Eram poucos os carrinhos que restavam quando agarrei neste. Agora já terão desaparecido todos.

— Terá de servir — digo-lhe.

Eu e Garrett conseguimos passar pela multidão em direção ao canto esquerdo, onde se encontram as paletes de água. Ao fazê-lo, ouvimos excertos de conversas.

— A FEMA já está aflita com o furacão Noah — diz uma mulher a outra. — Como é que nos vão conseguir ajudar, também?

— Não temos culpa! A agricultura utiliza oitenta por cento da água!

— Se o país passasse mais tempo a procurar novas fontes de água em vez de nos multar por enchermos as piscinas — diz uma mulher — não estaríamos nesta posição.

Garrett vira-se para mim.

— O meu amigo Jason tem um aquário gigante na sala e não foi multado.

— Isso é diferente — expliquei-lhe eu. — Os peixes são considerados animais de estimação.

— Mas não deixa de ser água.

— Então, vai bebê-la — digo eu, calando-o. Não tenho tempo para pensar nos problemas dos outros. Temos os nossos próprios problemas com que nos preocupar. Mas parece que sou a única que se preocupa, porque Garrett já partiu em busca de amostras gratuitas.

À medida que empurro o carrinho, este continua a desviar-se para a esquerda e eu tenho de me inclinar, aplicando todo o meu peso do lado direito, para evitar que a roda dobrada faça de leme.

À medida que me aproximo do fundo do armazém, apercebo-me de que é ali que está mais gente e, quando chego ao último corredor, a partir

do qual me é possível ver as paletes de água, percebo que é tarde de mais. As paletes já estão vazias.

Agora, ao analisar a situação, penso que devíamos ter ido diretamente para ali, mal as torneiras foram fechadas. Mas, quando algo drástico acontece, ocorre um desfasamento temporal. Não é bem uma negação, e não é bem um choque, é uma espécie de queda livre mental. Passamos tanto tempo a tentar compreender o que aconteceu que só nos apercebemos do que é preciso fazer quando a janela temporal para o fazermos já está fechada. Penso em todas as pessoas que estavam em Savannah quando o furacão Noah fez uma curva inesperada e avançou na sua direção em vez de regressar ao mar, como era suposto. Quanto tempo terão passado de olhos fixos nas notícias, sem pestanejar, até correrem a fazer as malas e fugir? Posso dizer-vos quanto tempo. Três horas e meia.

Atrás de mim, as pessoas que não conseguem ver que as paletes estão vazias vão empurrando. Mais cedo ou mais tarde, um empregado terá o bom senso de afixar um cartaz na porta a dizer «NÃO TEMOS ÁGUA», mas, até que o faça, os clientes continuarão a acumular-se, empurrando em direção ao fundo da loja, criando uma multidão sufocante, como um «moche» num concerto.

Seguindo um palpite, viro para o corredor lateral — e para as prateleiras dos refrigerantes em lata, que começam a desaparecer. Mas não estou aqui pelos refrigerantes. Quando olho à minha volta, para as pilhas de bebidas, encontro um *pack* de garrafas de água solitário, que alguém ali abandonou, talvez no dia anterior, quando não era um bem tão valioso. Estendo a mão para ele, mas eis que, no último instante, é levado por uma mulher de nariz aquilino. Ela pousa-o em cima do carrinho, como uma coroa sobre os alimentos enlatados.

— Lamento, mas chegámos primeiro — diz. E depois a filha dela avança: é Hali Hartling, uma rapariga que conheço do futebol. É irritantemente popular e acha-se melhor jogadora do que na realidade é. Metade das raparigas da escola quer ser como ela, e a outra metade odeia-a porque sabe que nunca chegará perto. Quanto a mim, limito-me a suportá-la. Não mereço mais do que a energia necessária para me ser indiferente.

Embora pareça sempre confiante, neste momento nem sequer me consegue olhar nos olhos — porque sabe, tal como a mãe, que eu cheguei à água primeiro. Enquanto a mãe afasta o carrinho, Hali inclina-se para mim.

— Desculpa lá isso, Morrow — diz, com sinceridade, usando o meu

apelido como fazemos no futebol. Embora, pelos vistos, neste momento estejamos a jogar por equipas completamente diferentes.

— Não partilhei a minha água contigo a semana passada? — realço. — Talvez pudesses pagar o favor e partilhar algumas garrafas comigo.

Ela olha para a mãe, que já avança pelo corredor, e depois volta-se para mim com um encolher de ombros.

— Desculpa, mas aqui não as vendem à garrafa. Só ao *pack*. — E depois o seu rosto torna-se um bocadinho vermelho e vira-se para partir antes de ficar completamente corada.

Olho à minha volta. A multidão continua a aumentar, e as coisas estão a desaparecer das prateleiras a uma velocidade alarmante. Até os refrigerantes desapareceram. Parva! Devia ter agarrado em alguns. Corro para o meu carrinho vazio antes que alguém o leve. Ainda não há sinal do tio Manjerição, e Garrett deve estar a encher-se de algo gorduroso. A *Gatorade* que pediu também já desapareceu.

Por fim, vejo Garrett. Está num dos corredores dos congelados, tem molho de *pizza* espalhado pela cara toda. Limpa a boca à camisa, sabendo que vou comentar. Mas não me dou ao trabalho, porque vejo algo. Logo a seguir aos vegetais e ao gelado, está uma arca repleta de gelo. Sacos enormes de gelo. Nem acredito que as pessoas sejam tão limitadas que não se tenham lembrado disto! Ou talvez tenham, mas se recusem a admitir um tal nível de desespero. Abro a porta e agarro num saco de gelo e depois noutra.

— O que estás a fazer? Precisamos de água, não de gelo.

— O gelo é água, Einstein — digo-lhe.

Vou buscar um saco e apercebo-me de que são muito mais pesados do que tinha antecipado.

— Ajuda-me! — Juntos, eu e Garrett pomos saco de gelo em cima de saco de gelo no carrinho, até a pilha ser tão alta quanto possível. Entretanto, as pessoas parecem ter reparado e juntaram-se em torno da arca do gelo, tendo começado a esvaziá-la.

O carrinho está agora ridiculamente pesado e é quase impossível empurrá-lo — em especial com a roda torta. Depois, enquanto lutamos com o carrinho, a roda torta a raspar no chão de betão, um homem de fato aproxima-se de nós. Sorri.

— É uma grande carga, a que aí levam — diz. — Parece que precisam de uma mãozinha.

Não espera pela nossa resposta, agarrando o carrinho e empurrando-o de um modo muito mais eficaz do que nós.

— Isto hoje está uma loucura — diz, num tom jovial. — Aposto que está uma loucura por todo o lado.

— Obrigada por nos ajudar — digo-lhe.

— Não há problema. Todos temos de nos ajudar uns aos outros.

Ele volta a sorrir, e eu respondo-lhe com um sorriso. É bom saber que os momentos difíceis podem trazer ao de cima o melhor das pessoas.

Pouco a pouco, em solavancos curtos, mas constantes, levamos o carrinho até à parte da frente da loja e para uma das serpenteantes filas de caixa.

— Parece que já fiz o exercício de hoje — diz, rindo.

Olho para o nosso carrinho e concluo que uma boa ação merece outra.

— Porque não leva um saco de gelo para si? — sugiro.

O sorriso dele nunca desaparece.

— Tenho uma ideia ainda melhor — diz. — Porque não levam um saco de gelo para vocês e eu fico com o resto?

Por um instante, penso que está a brincar, mas depois apercebo-me de que está a falar a sério.

— Desculpe?

Ele finge um forte suspiro.

— Tens razão, isso não seria justo para ti, de todo. Façamos assim: porque não dividimos ao meio? Eu fico com metade e vocês ficam com a outra metade.

Fala como se estivesse a ser generoso. Como se o gelo fosse dele. Continua a sorrir, mas os seus olhos assustam-me.

— Acho que a minha oferta é mais do que justa — diz. Começo a perguntar-me que tipo de negócio será o dele, e se não será o de enganar as pessoas levando-as a pensar que não estão a ser enganadas. Comigo não vai resultar — mas as mãos dele agarram firmemente no nosso carrinho, e não há maneira de provar que é nosso e não dele.

— Há algum problema?

É o tio Manjeriçã. Chegou mesmo a tempo. Fita o homem friamente por um instante, depois o homem tira as mãos do carrinho.

— Nenhum — responde.

— Ótimo — diz o tio Manjeriçã. — Odiaria pensar que está a incomodar o meu sobrinho e a minha sobrinha. As pessoas são presas por coisas assim.

O homem mantém o contacto visual com o nosso tio por mais um instante antes de desistir. Olha para o gelo, a sua expressão amarga, depois afasta-se, sem levar consigo um único saco.

A *pickup* do tio Manjeriçãõ está estacionada ilegalmente — metade dela está em cima de um canteiro, e derrubou uma fila de *ficus*.

— Tive de meter o sacana em tração às quatro — diz, orgulhosamente, e é provável que tenha sido a primeira vez que teve de a usar. De súbito, a *pickup* do tio Manjeriçãõ, comprada durante a sua crise de meia-idade, mais parece uma bênção do que um embaraço.

Carregamos os sacos de gelo na caixa aberta da *pickup*.

— Então e esse cachorro quente? — oferece o tio Manjeriçãõ, tentando aligeirar o ambiente.

— Estou cheio — responde Garrett, embora eu saiba que isso é um feito quase impossível para ele. Só não quer voltar lá para dentro. Nenhum de nós quer. E agora está a formar-se uma pequena multidão que nos observa, enquanto carregamos o gelo na caixa aberta da carrinha. Ainda que eu tente ignorá-los, sei que há uma dezena de olhos fixos em nós.

— Porque não sigo na parte de trás da carrinha, com o gelo? — sugiro.

— Não, não é preciso — responde calmamente o tio Manjeriçãõ. — Vais na cabina. Há uns buracos feios no caminho. Não quero que vás aos saltos aí atrás.

— Certo — concordo, ao mesmo tempo que subo para a cabina da *pickup*. E embora ninguém fale disso, eu sei que não é com os buracos na estrada que o meu tio está preocupado.

Seguimos para a estrada, mas, por alguma razão, não parece o mesmo quarteirão em que cresci. Há algo de estranho, como quando viramos acidentalmente para a rua errada, e, como todas as vivendas parecem iguais, sentimos que estamos num universo paralelo. Tento afastar a sensação, enquanto vejo as casas pela janela do veículo.

Os nossos vizinhos do outro lado da rua, os Kiblers, costumam deitar-se nas suas espreguiçadeiras e «supervisionar» os filhos enquanto estes brincam, o que na realidade significa falar acerca dos outros vizinhos por entre goles de Chardonnay enquanto se asseguram de que os filhos não são atropelados. No entanto, hoje, os filhos dos Kiblers estão a brincar à apanhada na rua sem supervisão. E, apesar do riso das crianças, há um silêncio insidioso que realça tudo; por outro lado, talvez o silêncio sempre ali tenha estado, e eu só agora me esteja a aperceber dele.

O tio Manjeriçãõ faz o acesso de marcha-atrás e começamos de

imediatamente a descarregar. Mesmo com o Sol a descer no céu, estão trinta e dois graus e o gelo começa a derreter. Se queremos levar todo este gelo para casa a tempo, temos de nos apressar.

— Porque não vais esvaziar o congelador para podermos guardar lá algum gelo? — diz o tio Manjeriçã, enquanto tira o primeiro saco da traseira da carrinha. — Podemos deixar derreter o resto e bebê-lo hoje.

— Melhor ainda, porque não limpas a banheira do piso de baixo — digo a Garrett — e o deixamos descongelar lá?

— Boa ideia — diz o tio Manjeriçã, embora a ideia de limpar a banheira não agrade muito a Garrett.

O meu pai emerge da garagem, com uma chave inglesa oleosa na mão, claramente continuando a tentar retirar alguma água dos canos.

— Não havia *Gatorade*?

— Esgotou — digo-lhe, mantendo a resposta curta.

O meu pai coça a cabeça.

— Deviam ter ido ao Sam's Club — diz. — Costumam ter mais artigos armazenados nas traseiras da loja. — Embora o meu pai esteja a sorrir, percebo que está mais perturbado do que quer deixar transparecer. Acho que sabe que o mais certo é que o Sam's Club tenha visto desaparecer todos os seus líquidos engarrafados, tal como todas as outras lojas.

O tio Manjeriçã muda rapidamente de assunto.

— Pensei que ias trabalhar hoje — diz.

O meu pai encolhe os ombros e pega num saco de gelo.

— O melhor de termos o nosso próprio negócio é não sermos obrigados a trabalhar ao sábado, a menos que o queiramos fazer.

Só que o meu pai *trabalha* aos sábados. E por vezes aos domingos também. Há muitas pessoas a fazerem horas extraordinárias, por causa da enorme subida do preço dos produtos frescos — mas, mesmo antes disso, o meu pai sempre nos disse que, para construirmos o nosso negócio, temos de nos comprometer vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Contudo, parece que hoje prefere carregar gelo a vender seguros.

Tiro mais gelo da parte de trás da carrinha, mas concluo que, mesmo dentro do saco de plástico, é difícil de agarrar, agora que começa a derreter.

— Precisam de ajuda? — diz uma voz atrás de mim, e, mesmo antes de me virar, sei exatamente de quem se trata.

Kelton McCracken. O cromo ruivo, não muito típico, da porta ao lado. A maior parte dos miúdos com a sua estranheza sente-se satisfeita a matar *zombies* com um controlo da Xbox, mas não o Kelton. Este prefere passar o

tempo a praticar reconhecimento aéreo com o seu *drone*, disparando sobre pequenos animais com a sua arma de *paintball* e escondendo-se numa casa da árvore com uns binóculos de visão noturna, enquanto finge ser o Jason Bourne. É como se nunca tivesse amadurecido para lá do sexto ano, por isso os pais limitam-se a comprar-lhe brinquedos cada vez maiores. Mas hoje não consigo deixar de reparar que há algo de diferente nele. Claro que cresceu neste último ano e parece muito mais maduro — mas não é só isso. É a maneira como se move. Há um certo ritmo no seu andar, como se toda esta crise da água o entusiasmasse de uma maneira doentia. Kelton sorri, revelando que já tirou os aparelhos e que os dentes foram artificialmente endireitados.

— Claro, Kelton, dava-nos jeito uma ajuda — diz o meu pai. — Porque não dás uma mãozinha à Alyssa?

Estou quase a passar-lhe o saco de gelo, mas, quando lho estendo, há algo que se apodera de mim, e não pareço ser capaz de o largar.

O meu pai apercebe-se, ficando baralhado com a minha hesitação.

— Deixa-o levar o gelo, Alyssa — diz o meu pai.

Olho para o gelo nas minhas mãos e depois para Kelton, apercebendo-me de que continuo cética quando se trata de permitir que as pessoas «*ajudem*».

— Há algum problema? — pergunta o meu pai, num tom perturbado, paternal, que exige uma resposta... que não lhe dou.

Obrigo-me a entregar o gelo a Kelton.

— Mas não esperes receber um saco por estares a ajudar — digo-lhe, o que leva o meu pai a dirigir-me um olhar firme, provavelmente perguntando-se o que me deu para ser tão mazinha. Talvez mais tarde lhe fale do tipo na Costco; ou talvez tente esquecer tudo o que aconteceu.

Quanto a Kelton, estou à espera que me dê uma resposta atrevida, mas, em vez disso, fica imóvel, genuinamente chocado com o meu comentário. Recupero a compostura e obrigo-me a fazer um sorriso, esperando que não pareça demasiado forçado.

— Desculpa — digo-lhe. — Obrigada por ajudares.

Vamos para dentro, para pôr o gelo na banheira, mas Kelton agarra-me pelo ombro, para me fazer parar.

— Selaram o ralo? — pergunta. — Não é muito boa ideia deitar gelo na banheira a menos que tenham selado o ralo. A mais pequena fuga e poderão perder tudo em poucas horas.

— Pensei que o meu tio tinha feito isso — digo-lhe, embora nenhum

de nós tenha pensado em tal coisa. Por muito que odeie admiti-lo, foi, provavelmente, a ideia mais inteligente que ouvi o dia todo.

— Vou buscar um pouco de silicone — diz, e corre para a garagem dele em busca do vedante, claramente satisfeito com a oportunidade para pôr em ação o seu treino de escuteiro.

Kelton e a sua família parecem ter sempre um plano de contingência preparado para qualquer cenário terrível. O meu pai costumava dizer, em tom de brincadeira, que Mr. McCracken vivia uma vida dupla, trabalhando como dentista durante o dia e preparando-se para o fim do mundo durante a noite. Mas, recentemente, a sua piada tornou-se bastante mais real. Parece que Mr. McCracken passa agora a maior parte do tempo a soldar engenhocas de ferro forjado até altas horas da noite, como se estivesse a perfurar uma cárie da monstruosidade escancarada que é a sua garagem.

Durante os últimos meses, a família de Kelton montou um sistema de vigilância topo de gama, estabeleceu uma miniestufa no jardim e cobriu todo o telhado com um qualquer tipo de painéis solares não registados e independentes da rede elétrica. De há pouco tempo para cá, Kelton — que este ano estive em demasiadas aulas minhas — não para de se gabar do facto de o pai ter instalado vidros à prova de bala unidireccionais — pode disparar balas a partir do interior, mas estas são incapazes de os penetrar vindas do exterior. Embora o resto da nossa turma ache que é um convencido, acredito que possa ser verdade. Não me espantaria que o pai dele fizesse algo assim.

Com exceção das nossas queixas em relação à soldadura tardia, as nossas famílias têm, por norma, uma relação amigável, mas existe sempre um clima de tensão educada quando os meus pais lidam com eles. A certa altura partilhámos uma área de relva entre as duas casas, até Mr. McCracken ter instalado uma vedação de madeira que atravessou as salvas-dos-jardins premiadas da minha mãe. A vedação era horrivelmente mais alta do que a típica barreira suburbana caiada de branco, mas suficientemente baixa para não violar as regras e regulamentos da associação de moradores — com quem parecem estar sempre em guerra. Certa vez, até tentaram reclamar o passeio em frente à casa deles como o seu lugar de estacionamento particular, alegando que a linha da sua propriedade se estendia alguns centímetros para a rua — contudo, essa batalha foi ganha pela associação. Desde então, o tio Manjerição faz questão de estacionar a carrinha mesmo à frente da casa deles. Só para os poder chatear.

Kelton regressa passados alguns minutos com o silicone e dedica-se de imediato a selar o ralo.

— Isto é capaz de demorar algumas horas a endurecer, por isso tem cuidado quando a encheres de gelo — diz, muito mais entusiasmado do que alguém deveria ficar com um vedante de silicone. Segue-se um silêncio desconfortável entre nós, que me faz aperceber que nunca tinha estado sozinha com Kelton.

Depois lembro-me de algo que não serve apenas para fazer conversa, mas que é importante.

— Espera um segundo. Vocês não têm um grande tanque com água atrás da vossa casa?

— Pouco mais de cento e trinta litros — gaba-se Kelton, enquanto aplica o silicone com a precisão de um joalheiro. — Mas esse fica dentro de casa. O que está fora de casa é para os dejetos, está cheio de compostos químicos quaternários de amónio. Sabes, como aquela sopa azul, malcheirosa, no fundo das sanitas das casas de banho portáteis.

— Sim, já percebi, Kelton — digo, convenientemente enojada, sobretudo devido ao facto de ainda nem sequer ter começado a pensar no que fazer com as nossas casas de banho. — Bem, não se pode dizer que vocês não pensam com antecedência — afirmo, sabendo que se trata do eufemismo do século.

— Bem, o meu pai diz sempre: «Mais vale errados do que mortos e enterrados.» — Depois acrescenta: — Aposto que, se o teu pai pensasse no futuro, provavelmente estariam melhor.

Claramente não faz ideia do quão insultuoso soa, por vezes. Pergunto-me se haverá uma medalha de mérito para «O mais Irritante».

Kelton termina o trabalho. Agradeço-lhe e ele regressa a casa, para disparar o lançador de batatas, ou dissecar insetos, ou o que quer que seja que um miúdo como ele faz nos seus tempos livres.

Na cozinha, a minha mãe está a limpar todas as superfícies com Formula 409. Limpezas devidas ao stresse. Sempre que algo sai do nosso controlo, trazemos ordem ao que podemos. Eu percebo. Por outro lado, a minha mãe nunca foi de deixar a televisão ligada, em pano de fundo — mas agora tem-na aos berros, na sala de estar. Não sei ao certo onde estão o meu pai e o meu tio. Talvez estejam nas traseiras, a trabalhar no automóvel. Acho estranho o facto de sentir que preciso de saber.

Na televisão, a CNN está concentrada na contínua crise do furacão Noah. Não invejo a atenção dedicada a estas pobres pessoas, mas gostava que nos fosse concedida alguma, também.

— Já há alguma notícia sobre o Fechar da Torneira? — pergunto.

— Um dos canais locais tem vindo a fazer atualizações regulares

— diz-me a mãe —, mas é aquele pivô desmiolado que eu não suporto. E, além disso, também não há nada de novo.

Ainda assim, mudo de canal, para o pivô desmiolado que o meu pai diz ter começado a carreira na indústria pornográfica, embora não me apeteça perguntar-lhe como é que sabe.

A minha mãe tem razão; estão apenas a repetir a intervenção do governador desta manhã e a tentar, sem sucesso, fazê-la render.

Mudo de novo para as estações noticiosas nacionais. A CNN, depois a MSNBC, depois a Fox News, e de novo a CNN. Todos os jornais nacionais estão a falar do Noah e apenas do Noah. Lentamente, percebo porquê.

Não há nenhuma imagem de satélite para uma crise da água.

Não há grandes tempestades, nem campos de destroços — o Fechar da Torneira é tão silencioso como um cancro. Não há nada para ver, e por isso as notícias tratam-na como uma nota de rodapé.

Refiro isto à minha mãe. Ela para de limpar por um momento e observa o rol de histórias secundárias na parte de baixo do ecrã. Por fim, surge qualquer coisa: «A crise da água na Califórnia aprofunda-se. Residentes incitados a poupar.»

E mais nada. É tudo o que dizem as notícias nacionais.

— Poupar? Estão a brincar?

A minha mãe inspira fundo e volta a pulverizar a mesa da cozinha.

— Desde que a FEMA faça o seu trabalho, quem quer saber o que dizem as notícias?

— Eu quero — digo-lhe. Porque se há algo que sei acerca das notícias é que, para a maioria das pessoas, incluindo o governo federal, as notícias definem o que *é* e o que *não é* importante. Mas as grandes estações noticiosas não irão conceder ao Fechar da Torneira o tempo de antena crítico de que necessita, não enquanto não houver imagens que sejam tão dramáticas quanto ventos a arrancar telhados.

E, se demorar assim tanto tempo para que o Fechar da Torneira seja levado a sério, então será tarde de mais.

INSTANTÂNEO: JOHN WAYNE

Dalton adora a maneira como o avião descola do aeroporto John Wayne. É um verdadeiro espanto. Chamam-lhe «redução de ruído modificada» e foi especificamente implementada para poupar os milionários de Newport Beach ao ruído de um aeroporto. Basicamente, o motor do avião é ligado na pista com os travões acionados, depois acelera a todo o gás, numa descolagem ridiculamente íngreme, seguida, dez segundos depois, por um súbito nivelamento e abrandamento dos motores, que soa, aos ouvidos leigos, como uma falha no motor, levando pelo menos uma pessoa em cada voo a arquejar ou mesmo a gritar de pânico. O avião desliza em seguida ao longo da parte de trás da baía, da ilha Balboa e da península de Newport, antes de o piloto voltar a acelerar os motores e retomar a subida.

— Deviam chamar-lhe John Glenn em vez de John Wayne — dissera Dalton certa vez, porque descolar dali seria o mais próximo que alguém alguma vez estaria de uma descolagem para o espaço.

Dalton e a irmã mais nova eram clientes frequentes, indo visitar o pai, que vivia em Portland, algumas vezes por ano — Natal, Páscoa, grande parte do verão e o dia de Ação de Graças, ano sim, ano não. Hoje, contudo, os dois não irão viajar sozinhos para norte. A mãe também vai com eles.

— Se o vosso pai não me quiser aturar, não me importo de ficar num hotel — diz ela.

— Ele não te vai obrigar a fazer isso — diz-lhe Dalton, mas a mãe não parece muito segura.

Há alguns anos, a mãe tinha-o trocado por um falhado com belos abdominais e uma mosca, a quem acabaria por dar com os pés, um ano depois. Vivendo e aprendendo. De qualquer maneira, quando o casamento se afundou, o pai rumou para norte.

— Compreendem que não se trata de eu e o vosso pai nos irmos reconciliar — diz a Dalton e à irmã, mas, para os filhos de pais divorciados, a esperança é eterna.

Poucos minutos depois do Fechar da Torneira, a mãe ligara-se à Internet e comprara três bilhetes, a preços exorbitantes, na Alaska Air — uma das poucas companhias aéreas a voar sem escala até Portland num avião que não é preciso sair para empurrar.

Os últimos três bilhetes — disse-lhes triunfantemente. — Têm uma hora para fazer as malas.

Na viagem até ao aeroporto encontraram o trânsito típico. O que deveria ser uma viagem de quinze minutos demora quase uma hora.

O estado do estacionamento no John Wayne é a primeira indicação de que os espera alguma turbulência. Só uma das estruturas de estacionamento não apresenta a indicação de «COMPLETO». E conseguem um dos poucos lugares ainda disponíveis, na ponta mais afastada do último parque. Enquanto caminham em direção ao terminal, Dalton repara nos muitos veículos que andam às voltas, como se de um grande jogo das cadeiras se tratasse, um jogo no qual já não restam cadeiras.

O posto de controlo da segurança é uma casa de loucos, o que aqui nunca acontece.

— Há muitas pessoas a ir de férias — diz Sarah, a irmã de 7 anos de Dalton.

— Sim, querida — responde a mãe, distraída.

— Para onde achas que vão?

A mãe suspira, demasiado tensa para lhe continuar a dar atenção, por isso Dalton olha para o quadro de embarque e assume as rédeas.

— Cabo San Lucas — diz. — Denver, Dallas, Chicago...

— A minha amiga Gigi é de Chicago.

O tipo da segurança volta a verificar o passaporte de Dalton, porque na fotografia o cabelo dele é castanho, mas agora está oxigenado.

— De certeza que és tu?

— Tanto quanto sei — responde Dalton.

O tipo sem sentido de humor da segurança deixa-os avançar para o

lento fluir do detetor de metais, que tem alguns problemas com os seus *piercings* faciais. Por fim, conseguem passar pela segurança, quando faltam apenas cinco minutos para o início do embarque. A mãe sente-se aliviada.

— Muito bem — diz ela. — Aqui estamos. Não perdemos ninguém. Não nos faltam dedos, nem dos pés nem das mãos.

— Tenho sede — diz Sarah, mas Dalton já se apercebeu de que todos os cafés por onde passam têm afixados cartazes indicando «NÃO TEMOS ÁGUA».

— Haverá algo para beber no avião — diz a mãe.

Dalton pensa que talvez isso seja verdade. Afinal, todos aqueles aviões vieram de outros locais — e também ele começa a ficar com um bocadinho de sede.

Depois, quando estão prestes a começar o embarque, a hospedeira de terra dirige-se aos altifalantes e faz um anúncio.

— Infelizmente, temos um *overbooking* neste voo — diz. — Estamos à procura de voluntários com planos de viagem flexíveis que estejam dispostos a apanhar um voo posterior.

Sarah puxa pelo braço da mãe.

— Mãe, voluntaria-nos!

— Não desta vez, querida.

Dalton sorri. O pai diz-lhes sempre para se voluntariarem, porque as companhias aéreas oferecem centenas de dólares em *vouchers* de viagem, o que compensa o inconveniente. Mas não hoje. Hoje é tudo uma questão de sair dali — razão pela qual há tanta dificuldade em conseguir voluntários. O preço dos *vouchers* aumenta de duzentos dólares para trezentos e cinquenta e para quinhentos dólares, e mesmo assim ninguém está disposto a entregar os bilhetes.

Por fim, a hospedeira de terra desiste. Aproxima-se dos altifalantes, chamando os nomes das últimas pessoas a comprar os bilhetes. Dalton, Sarah e a mãe. Dalton sente um nó no fundo do estômago.

— Lamento — diz a hospedeira, mas não soa nada arrependida —, no entanto, tendo sido os últimos a adquirir os bilhetes, sou obrigada e recolocar-vos num voo posterior.

A mãe de Dalton fica histérica e ele não a pode culpar. Aquela é uma das vezes em que precisam de lutar contra os Poderes Superiores.

— Não — diz a mãe. — Não quero saber daquilo que diz! Eu e os meus filhos vamos entrar nesse avião!

— Irão receber um *voucher* de quinhentos dólares cada um: são mil e

quinhentos dólares — diz a hospedeira, tentando aplacá-los. A mãe não se deixa comprar.

— Os meus filhos têm visitas com o pai estipuladas pelo tribunal! — grita. — Se os tirar deste voo estará a violar a lei e eu processá-la-ei! — Claro que aquele não é um desses períodos, mas a hospedeira não sabe disso.

Ainda assim, tudo o que faz é procurar voos posteriores.

— Há um voo esta noite, às cinco e meia... Oh, espere, não, este também está cheio... Vejamos. — Ela continua a matraquear no computador. — Oito e vinte... não...

Depois, Dalton vira-se para a irmã e sussurra:

— Lança-lhe os olhos.

A mãe sempre dissera, tanto a Dalton como a Sarah, que os seus grandes olhos azuis eram capazes de derreter qualquer pessoa. Dalton já não tanto. Um desajeitado rapaz de 17 anos, com um monte de *piercings* no rosto, uma tatuagem no pescoço com o símbolo da ameaça biológica e aquilo a que o pai chamava um cabelo «ninho de ratos», já não derretia o público em geral. Só as raparigas de 17 anos. Mas Sarah ainda tem o seu efeito mágico sobre os adultos empedernidos. Por isso pega nela ao colo, para que a hospedeira possa olhar bem para ela.

— Oh, és tão fofa — diz ela. Depois retira três bilhetes novos da impressora. — Aqui têm: amanhã de manhã, às seis e meia. É o melhor que consigo arranjar.

Por isso esperam. Não partem, porque a multidão não para de aumentar, e eles sabem que não vão conseguir voltar a passar pela segurança. E passam a noite a dormir nas desconfortáveis cadeiras do aeroporto, bebendo pequenos goles de água de qualquer pessoa disposta a partilhá-la, e não há muita gente a fazê-lo.

Depois, quando chega a manhã, mesmo com os bilhetes confirmados, não há lugar para eles no voo das seis e meia. Nem no voo seguinte. Nem no outro.

E não conseguem bilhetes para voos com outros destinos.

E o aeroporto fica tão cheio que são chamados mais agentes da polícia para manter a ordem.

E há engarrafamentos por todo o lado, os camiões de transporte de combustível não conseguem chegar ao aeroporto.

E Dalton, a mãe e a irmã são obrigados a enfrentar o facto de que não irão levantar voo para lado nenhum.